

# Um sindicato que conseguiu capitalizar o descontentamento

Clara Viana

**Estratégia seguida pelo Sindicato de Todos os Professores é típica dos “populismos”, adverte investigador de Coimbra**

“Não é para todos.” É assim que a investigadora do Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Protecção Social (Colabor) Dora Fonseca comenta o facto de o Sindicato de Todos os Professores (Stop), criado em 2018, ter conseguido, “sozinho, convocar uma greve e uma manifestação bem-sucedidas”. Mas como estas acções não nascem de geração espontânea, é preciso atentar no “enorme descontentamento da classe dos professores”.

“O sucesso destas duas acções, a grande mobilização registada deve-se sem dúvida a este facto. Os professores são uma classe em luta. E o Stop, apesar de pequeno, soube capitalizar o momento”, frisa Dora Fonseca, acrescentando que, perante “o sucesso alcançado, os ‘grandes’ sindicatos não podem perder o ‘comboio’”, sendo por isso um “passo inevitável” antecipar as acções que tinham previstas.

A Federação Nacional de professores (Fenprof) já o fez, convocando uma greve nacional distrito a distrito para Janeiro, a realizar durante uma semana. “Todos somam a esta luta, não subtraem”, declara o secretário-geral adjunto desta estrutura sindical, Francisco Gonçalves, acrescentando que “o ministro da Educação está a tentar jogar na divisão” entre sindicatos. Este processo de luta “será necessariamente longo. E é fundamental que se reforce a participação nas acções de protesto. Este é o grande desafio que os sindicatos e os professores têm pela frente”, aponta. É o que afirma também Dora Fonseca: “O que salta à vista é que as tensões entre Ministério da Educação e professores estão para durar. E os sindicatos têm pela frente a dura tarefa de manter os níveis de mobilização elevados de forma a pressionar o Governo a ceder, pelo menos, nos pontos mais essenciais.”

“Precisamos de dignificar a nossa classe, tão maltratada e esquecida. Por isso, o Stop vê com agrado essa antecipação (apesar de não termos recebido qualquer convite/resposta) e esperamos que na realidade os colegas dos outros sindicatos jun-

tem forças, porque tudo indica que o mês decisivo para o desfecho desta luta será Janeiro de 2023”, comenta o coordenador do Stop André Pestana.

Para o professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) António Casimiro Ferreira, a prática seguida pelo Stop, e que é comum aos “populismos”, sejam eles de extrema-esquerda ou de extrema-direita, é a antítese desta alegada vontade de convergência: está a instaurar uma “competição sindical em vez de se preocupar com a unidade na acção, que seria muito importante nesta altura”.

E o que é o populismo sindical? Passa por uma contestação que “vai sendo cada vez mais inorgânica e atomizada”, pela “apropriação do desconforto individual existente”, que é “facilmente capturado por estas organizações”, descreve Casimiro Ferreira. Segundo ele, é o que tem acontecido com as acções desenvolvidas pelo Stop, que é um “sindicato de esquerda”, e que acontecerá com o “novo” movimento sindical já prometido pelo Chega.

A estratégia reivindicativa neste tipo de movimentos passa por afirmar “a diferença em relação aos outros”, numa espécie de “euforia reivindicativa”, expressa em afirmações do tipo “agora é que vai ser”.

André Pestana confirma que, “há poucas semanas, o Stop tinha cerca de 1300 sócios”, mas que a informação que tem agora é a de que nunca tiveram tantas sindicalizações como nestes últimos tempos”. Como ainda as estão a “processar”, não têm para já um número concreto.



**André Pestana diz que sindicato tem cada vez mais sócios**



**para a escolha municipal de docentes**